

Mercado de trabalho e gênero: A participação das mulheres nas Atividades Características do Turismo

Ana Letícia Sousa*

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG, Brasil)

Caio César Soares Gonçalves**

Fundação João Pinheiro (Brasil)

Diomira Maria Cicci Pinto Faria***

Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil)

Resumo: A inserção das mulheres no mercado de trabalho foi marcada por paradoxos. De um lado esse processo ocorreu de maneira vertiginosa, entendido como fundamental para a emancipação feminina. Em contrapartida, ele foi tardio e estabelecido a partir da divisão sexual do trabalho, que imputa às mulheres o trabalho doméstico e genericiza as atividades na esfera produtiva, de modo que essa inserção não modificou substancialmente as hierarquias de gênero. Com o objetivo de compreender a participação das mulheres no mercado de trabalho formal do turismo, para esta pesquisa foram utilizados dados secundários da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), referentes ao ano de 2019, empreendendo uma análise quantitativa que demonstrou que o setor não é feminizado, mas é claramente genericado, ou seja, com atividades e ocupações diferenciadas por gênero, resultando na feminização de tarefas associadas ao doméstico, que demandam qualidades tidas como inatas às mulheres e concentra-as em funções específicas, originando processos de segregação horizontal.

Palavras-chave: Divisão sexual do trabalho; Gênero; Mulheres; Trabalho; Turismo.

Labor Market and Gender: The Participation of Women in Tourism Characteristic Activities

Abstract: The insertion of women in the labor market was marked by paradoxes. On the one hand, this process occurred rapidly and haphazardly, understood as fundamental for female emancipation. On the other hand, it was late in coming and established on the basis of sexual division of labor, which assigns domestic work to women and genders activities in the productive sphere, so that this insertion did not substantially change gender hierarchies. In order to understand the participation of women in the formal tourism labor market, secondary data from the Annual Report of Social Information (RAIS) for the year 2019 were used for this research, undertaking a quantitative analysis that showed that the sector did not feminize but is clearly gendered, that is, with activities and occupations differentiated by gender, resulting in the feminization of tasks associated with domestic work, which demand qualities considered innate in women and concentrates them in specific functions, giving rise to processes of horizontal segregation.

Keywords: Sexual division of labor; Gender; Women; Labor market; Tourism.

* Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG, Brasil); <https://orcid.org/0000-0002-6520-1079>; E-mail: analeticiaps.94@gmail.com

** Fundação João Pinheiro (Brasil); <https://orcid.org/0000-0002-3366-7560>; E-mail: csgonc@gmail.com

*** Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil); <https://orcid.org/0000-0002-1325-7820>; E-mail: diomiramaria@gmail.com

Cite: Sousa, A. L.; Gonçalves, C. C. S. & Faria, D. M. C. P. (2024). Mercado de trabalho e gênero: A participação das mulheres nas Atividades Características do Turismo. *Pasos. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 22(1), 57-73. <https://doi.org/10.25145/j.pasos.2024.22.004>

1. Introdução

Antes mesmo que se pensasse sobre os conceitos de “sexo” e “gênero”, as relações sociais já eram marcadas por diferenças entre mulheres e homens. Tais distinções foram, por um longo tempo, assumidas como naturais, como se os papéis sociais desempenhados por esses indivíduos fosse algo inerente à condição biológica de ser mulher ou de ser homem, e essa suposta naturalidade contribuiu, e ainda contribui, para legitimar hierarquias e subordinações pautadas nas diferenças sexuais, que se estendem do espaço privado ao público e perpassam pelos diversos âmbitos da vida social. Diante disso, o surgimento desses conceitos forneceu novas possibilidades para se analisar tais diferenças em distintos âmbitos da sociedade. No que tange ao mercado de trabalho, são as feministas marxistas que buscam explicar a relação entre essa esfera e as relações de gênero ao afirmarem que esse é uma construção social do capitalismo, originado da apropriação que ele fez das atividades produtivas das mulheres e da divisão sexual do trabalho.

Para essas teóricas, foi somente no seio do sistema capitalista que as relações de gênero se constituíram tal qual são conhecidas hoje. Federici (2017) afirma que antes da revolução industrial as mulheres se ocupavam em diferentes tipos de trabalho, como na agricultura, no comércio e no doméstico. Porém, com um novo modo de produção, caracterizado pela exploração da classe trabalhadora, o capital se apropria do trabalho reprodutivo de modo que esse sustenta o sistema e torna a mulher trabalhadora duplamente explorada, pois ela realiza sua atividade de trabalho no lar e fora dele, mas, as horas gastas no desempenho do trabalho doméstico, sem remuneração, é o que possibilita a reprodução do capital (Antunes, 2009).

A atribuição às mulheres pelas tarefas domésticas e aos homens pelas funções produtivas é a característica principal da divisão sexual do trabalho. Porém, além desse aspecto, há outros dois princípios que marcam tal divisão: primeiro a separação entre trabalho masculino e feminino, definindo o que deve ser realizado de acordo com o sexo dos indivíduos; segundo, a hierarquização que é criada, que estabelece que o trabalho produtivo vale mais do que o reprodutivo e, mesmo quando as mulheres desempenham atividades de produção, o masculino é mais valorizado (Kergoat & Hirata, 2003).

No que diz respeito ao mercado de trabalho do turismo, as diversas atividades econômicas que compõem o setor dificultam uma análise das relações de gênero de modo a abarcá-lo completamente. Os estudos sobre o tema geralmente têm como foco a hotelaria e os serviços de alimentação, apontados como feminizados, mas marcadamente generificados, com predomínio das mulheres dentre camareiras, atendentes de lanchonete e coqueiras (Minasi *et al.*, 2022). Nos serviços de alimentação, a divisão sexual do trabalho nas cozinhas designa a presença masculina às ocupações relacionadas ao preparo das refeições, enquanto as mulheres mantêm-se no apoio. A justificativa para essa configuração do trabalho é atribuída à força dos homens, como o esforço dos braços necessário para o preparo de grandes quantidades de carne e na manipulação de grandes panelas, grelhas, chapas e outros utensílios (Silva *et al.*, 2018).

Apesar da constatada feminização de determinadas atividades que compõe o turismo, as análises sobre o mercado de trabalho devem observar se a participação das mulheres contribui para se alcançar a igualdade de gênero. Piscitelli (2006) afirma que, por um lado, há uma linha de pensamento que defende que o turismo, enquanto uma importante atividade econômica, pode ter seus recursos apropriados a favor da redução da pobreza das mulheres, principalmente por ser um setor que tende a empregá-las mais do que outros. Em contrapartida, as abordagens feministas críticas atribuem essa feminização à apropriação que o capital faz da força de trabalho feminina, perpetuando as desigualdades de gênero através da sexualização dos corpos das mulheres; do barateamento dos custos de seus trabalhos; e ao empregá-las em atividades que são uma extensão das domésticas (Piscitelli, 2006).

Diante desse paradoxo e da escassez de estudos sobre trabalho e gênero, principalmente com metodologias que contemplem todo o setor do turismo no Brasil, esta pesquisa tem como objetivo compreender a participação das mulheres no mercado de trabalho do turismo a partir de referências das ciências sociais sobre gênero e divisão sexual do trabalho. Para tanto, utiliza-se de uma abordagem teórico quantitativa tendo como fonte de dados a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), que fornece informações a respeito do trabalho formal, desagregados para os níveis de escolaridade, remuneração média e ocupações.

2. Revisão de literatura

2.1. Gênero

O surgimento do conceito de gênero foi importante para nomear as relações sociais entre mulheres e homens, questionando a naturalidade atribuída às diferenças de poder e de direitos delas resultantes. Entretanto, o conceito não tem um significado unívoco e as diversas vertentes do feminismo divergem

quanto à origem e as razões das desigualdades de gênero. Nesse debate, são as feministas marxistas que trazem para o cerne das discussões a inter-relação entre gênero, trabalho e classe. Ainda que seja sabido, e criticado, que Marx e Engels pouca atenção deram à subordinação feminina, para as teóricas dessa vertente não apenas é possível, como faz-se necessária uma análise das desigualdades de gênero de uma perspectiva marxista, pois essas teriam suas raízes no capitalismo.

Para Toledo (2003) o capitalismo é uma estrutura central a partir da qual as ideologias e construções sociais são produzidas. Segundo a autora, não há, em qualquer época histórica, uma sociedade que tenha se estruturado sobre construções culturais, pelo contrário, essas é que resultaram do modo de produção vigente e da forma como as relações humanas se articulam para a produção dos meios materiais de vida. Araújo (2000) vai ao encontro desse pensamento ao afirmar que as relações humanas resultam dos “processos materiais e históricos, desencadeados a partir das relações que homens e mulheres estabelecem com vistas à produção e reprodução de suas vidas e de suas necessidades” (p.65).

Para as feministas marxistas, as distinções de gênero resultam de um processo da burguesia que, buscando se afirmar enquanto classe, passou a gerir um modo de produção apoiado na exploração das massas de camponeses que viriam a se constituir em classe operária (Toledo, 2003). Dessa perspectiva, essa classe dominante se apropriou do trabalho reprodutivo das mulheres de tal modo que o transformou na sustentação dos interesses do capital. Para Federici (2017), ao olhar apenas para o trabalho nas indústrias, Marx não deu a devida importância a outras atividades e relações que são essenciais para a reprodução da vida e da força de trabalho, dentre elas o trabalho doméstico não remunerado realizado pelas mulheres, estrategicamente importante para o capitalismo por ser historicamente específico, um “produto da separação entre produção e reprodução, trabalho remunerado e não remunerado, que nunca existiram em sociedades pré-capitalistas ou sociedades não reguladas pela lei do valor de troca” (Federici, 2017, p.100), ou seja, as tarefas domésticas não são uma vocação feminina, mas um trabalho do qual o capitalismo se apropriou para que as mulheres da classe proletária não estivessem nas fábricas produzindo mercadorias, mas nas casas produzindo trabalhadores.

2.2. Divisão sexual do trabalho e turismo

Tal como o gênero, a divisão sexual do trabalho é produzida socialmente. Ela sofre mudanças ao longo do tempo e de uma sociedade para outra, além de se ancorar na oposição entre a esfera produtiva e a reprodutiva. Segundo Hirata e Kergoat (2003), essa divisão é caracterizada pela “imputação aos homens do trabalho produtivo – e a dispensa do trabalho doméstico – e a atribuição do trabalho doméstico às mulheres, ao passo que são cada vez mais numerosas na nossa sociedade salarial as mulheres a querer entrar e se manter no mercado de trabalho” (p. 113). Além disso, para as autoras, apesar dessa sustentação do trabalho social sobre o biológico variar no decorrer do tempo, dois princípios marcam a divisão sexual do trabalho: o da hierarquização e o da separação.

O primeiro é, antes, resultado do maior valor que é atribuído ao trabalho desempenhado pelos homens. A valorização não reside somente na oposição entre o mundo reprodutivo e o produtivo, pois, mesmo quando as mulheres desempenham atividades de produção, a delas é menos valorizada do que a dos homens e o valor, nesse sentido, não é somente econômico, mas também antropológico e ético (Hirata & Kergoat, 2003). Como consequência, uma hierarquização é criada, estabelecendo diferenças de gênero que se expandem do mundo laboral para outras esferas sociais. Para tanto, a divisão sexual do trabalho se sustenta, também, sobre o princípio da separação, estabelecendo o que é trabalho de mulher e o que é de homem (Kergoat, 2003).

Para Souza-Lobo (2001), no sistema capitalista a divisão sexual se apropria de maneira distinta do trabalho de homens e mulheres, pois, no caso dessas, há também a apropriação do corpo. A trabalhadora é explorada por características supostamente femininas, o que envolve tanto as “qualidades naturais” delas, quanto as que são socialmente construídas, que Souza-Lobo chama de “representações de qualidades”. A apropriação dessas “qualidades”, como dedos ágeis, paciência e resistência à monotonia, gera a desvalorização do trabalho realizado pelas mulheres e explica o predomínio delas em determinadas profissões, como no doméstico assalariado e secretárias (Souza-Lobo, 2001).

Essa divisão também gera o que é chamado de segmentação horizontal e vertical. Ambas impõem barreiras à participação feminina no mercado de trabalho, porém, a primeira se caracteriza pela sub-representação de mulheres em determinadas profissões, onde poucas ocupações absorvem a maioria das trabalhadoras, o que as mantém em áreas de atuação limitadas; a segmentação vertical se refere a poucas mulheres ocupando altos cargos, mesmo em áreas nas quais há predominância feminina, como enfermagem (Yannoulas, 2013). As limitações impostas são invisíveis, chamadas de teto de vidro, uma

metáfora para essas barreiras sutis e simbólicas, mas fortes e que por não estar explícita, dificulta o trânsito das mulheres nas empresas, principalmente para a ascensão a cargos mais altos e melhor remunerados.

O mercado de trabalho do turismo é considerado feminizado, especialmente no setor de hospedagem, que é comumente analisado quando se trata desse tema. Entretanto, somente o predomínio quantitativo de mulheres não representa mudanças nas hierarquias de gênero. Bruschini (2007) chama a atenção para o fato de que o aumento da presença feminina na esfera produtiva, ocorrido a partir da década de 1970, foi marcado por dois contrapontos: por um lado um pequeno contingente de profissionais empregadas em profissões de prestígio e com possibilidades de mobilidade na carreira, por outro, o predomínio das mulheres em ocupações caracterizadas como femininas, mais precárias e muitas vezes informais.

Nesse sentido, a feminização do turismo deve ser analisada com cautela. Como pontuam Costa *et al.* (2017), esse é um setor de grande rotatividade de funcionários, com baixas remunerações, poucas oportunidades de crescimento profissional e que, em virtude da sazonalidade da atividade turística, gera muitos empregos temporários. Ademais, o trabalho fora de horário comercial, devido à necessidade de disponibilidade de serviços 24h para o turista, demanda flexibilidade, algo que é especialmente difícil para as mulheres, que precisam conciliar o trabalho remunerado com as responsabilidades domésticas. As relações de gênero somadas a essas características demandam estudos que compreendam o que é subjacente à feminização desse mercado de trabalho.

Há décadas estudos já apontam para determinados padrões de gênero no mercado de trabalho do turismo. Burrell *et al.* (1997) constataram que na Espanha, Itália, Reino Unido e França a presença feminina estava concentrada nas funções de limpeza e recepção dos hotéis, enquanto a masculina predominava nos bares e nos cargos de gestão e supervisão. Campos-Soria *et al.* (2011) constataram na Andaluzia, Espanha, o predomínio das mulheres em ocupações de limpeza, atendimento e nas administrativas que exigiam menos responsabilidades, enquanto os homens eram maioria em cargos de manutenção e empregos com alto nível de responsabilidade nos restaurantes e na administração. Carvalho *et al.* (2014) observaram que em Portugal, nas atividades de hospedagem e de agências de viagens e operadoras, as mulheres apresentavam maior nível de escolaridade, contudo, recebiam salários menores.

Em Portugal, Costa *et al.* (2017) realizaram um estudo sobre o perfil do trabalhador ideal para o turismo. Os/as empregadores/as afirmavam que não havia distinção de gênero, mas os autores constataram que as “qualidades” demandadas tornavam os homens mais “ideais” a partir das construções de masculinidade e feminilidade, pois os/as empregadores/as idealizavam trabalhadoras que não tivessem filhos; tivessem atenção aos detalhes; habilidades de multitarefa; comportamento estável; responsabilidade; sensibilidade; e boa aparência física. Em contrapartida, as qualidades do trabalhador ideal eram somente flexibilidade e disponibilidade, aspectos que, segundo os/as empregadores/as, são desvantagens das mulheres ante os homens, pois lhes falta o que Costa *et al.* (2017) chamaram de “flexibilidade relacionada à disponibilidade”, na qual novamente a divisão sexual do trabalho exerce maior ônus sobre as mulheres, que tendem a não ter disponibilidade para estarem livres como exige o mercado de trabalho do turismo, pois precisam conciliar suas atividades na esfera produtiva com as responsabilidades domésticas.

No que tange ao Brasil, são poucos os estudos que abordam o tema, entretanto, esses também apontam as diferenças de gênero. Segundo Guimarães e Silva (2015), no que diz respeito à segregação horizontal, as mulheres estão empregadas principalmente como camareiras, cozinheiras, faxineiras, agentes de viagens e atendentes em linhas aéreas. Quanto aos homens, predominam em ocupações de garçons, jardineiros, operários da construção, motoristas e pilotos. Por outro lado, quando se trata da segregação vertical, a presença feminina concentra-se em ocupações que oferecem poucas oportunidades de crescimento profissional. Já Minasi *et al.* (2022) apontaram para a diferença salarial, onde as mulheres que atuam nas ACTs recebem em média 24% menos do que os homens.

3. Metodologia

Os dados quantitativos sobre a presença de mulheres e homens no mercado de trabalho do turismo tiveram como fonte a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), ano base 2019. A RAIS é construída a partir de declarações anuais e obrigatórias de todas as empresas do território brasileiro. O mercado de trabalho para o turismo foi delimitado com base nas Atividades Características do Turismo (ACTs), que são as atividades econômicas que produzem bens e serviços de alto consumo pelos turistas e foram definidas como tal pelo Ministério do Turismo (MTur) e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) a partir da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE 2.0), que lista todas as atividades econômicas do país.

A classificação de ACTs, publicada pelo MTur (2008), organiza as atividades em dez grupos, entretanto, para esta pesquisa, optou-se por um agrupamento de seis subsetores do turismo, mas que abrange todas as atividades da classificação. O quadro 1 apresenta o agrupamento considerado.

Quadro 1: Lista das Atividades Características do Turismo por subsetor

Subclasse	ACTs – CNAE 2.0
Serviços de alojamento	Hotéis; Apart-hotéis; Albergues, exceto assistenciais; Campings; Pensões (alojamento); Outros alojamentos não especificados anteriormente.
Serviços de alimentação	Restaurantes e similares; Bares e outros estabelecimentos especializados em servir bebidas; Lanchonetes, casas de chá, de sucos e similares; Serviços ambulantes de alimentação
Transporte terrestre	Trens turísticos, teleféricos e similares; Transporte rodoviário coletivo de passageiros, com itinerário fixo, intermunicipal, exceto em região metropolitana; Transporte rodoviário coletivo de passageiros, com itinerário fixo, interestadual; Transporte rodoviário coletivo de passageiros, com itinerário fixo, internacional; Serviço de táxi; Serviço de transporte de passageiros - locação de automóveis com motorista; Transporte rodoviário coletivo de passageiros, sob regime de fretamento, municipal; Transporte rodoviário coletivo de passageiros, sob regime de fretamento, intermunicipal, interestadual e internacional; Organização de excursões em veículos rodoviários próprios, municipal; Organização de excursões em veículos rodoviários próprios, intermunicipal, interestadual e internacional; Outros transportes rodoviários de passageiros não especificados anteriormente; Locação de automóveis sem condutor.
Transportes aéreo e aquaviário	Transporte marítimo de cabotagem – passageiros; Transporte marítimo de longo curso – passageiros; Transporte por navegação interior de passageiros em linhas regulares, municipal, exceto travessia; Transporte por navegação interior de passageiros em linhas regulares, intermunicipal, interestadual e internacional, exceto travessia; Transporte por navegação de travessia, municipal; Transporte por navegação de travessia, intermunicipal; Transporte aquaviário para passeios turísticos; Outros transportes aquaviários não especificados anteriormente; Transporte aéreo de passageiros regular; Serviço de táxi aéreo e locação de aeronaves com tripulação; Outros serviços de transporte aéreo de passageiros não-regular.
Organizadoras de viagens	Agências de viagens; Operadores turísticos; Serviços de reservas e outros serviços de turismo não especificados anteriormente.
Atividades de lazer	Produção teatral; Produção musical; Produção de espetáculos de dança; Produção de espetáculos circenses, de marionetes e similares; Produção de espetáculos de rodeios, vaquejadas e similares; Artes cênicas, espetáculos e atividades complementares não especificadas anteriormente; Atividades de museus e de exploração de lugares e prédios históricos e atrações similares; Atividades de jardins botânicos, zoológicos, parques nacionais, reservas ecológicas e áreas de proteção ambiental; Aluguel de equipamentos recreativos e esportivos; Casas de bingo; Exploração de apostas em corridas de cavalos; Exploração de jogos de azar e apostas não especificados anteriormente; Produção e promoção de eventos esportivos; Outras atividades esportivas não especificadas anteriormente; Parques de diversão e parques temáticos; Discotecas, danceterias, salões de dança e similares; Exploração de boliches; Exploração de jogos de sinuca, bilhar e similares; Exploração de jogos eletrônicos recreativos; Outras atividades de recreação e lazer não especificadas anteriormente.

Fonte: Adaptado do Ministério do Turismo

A partir dos dados da RAIS foram selecionados os vínculos empregatícios desagregados em ACTs, pelo sexo dos/as trabalhadores/as, pela escolaridade, pela remuneração mensal média em salário mínimo (SM) e pelas ocupações. Essa última é baseada na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), que identifica e classifica as ocupações existentes no mercado de trabalho brasileiro. Como são muitas as ocupações, fez-se necessário uma limitação, nesse sentido, constatou-se que em todos os subsetores que compõem o turismo há concentração de empregados/as em determinadas ocupações, de tal modo que, selecionando as cinco com a maior quantidade de vínculos, por sexo, já foi possível contemplar um percentual expressivo do total de empregos gerados por cada subsetor.

4. A participação das mulheres no mercado de trabalho do turismo

4.1. Escolaridade e renda

Partindo da quantidade de vínculos gerados pelo turismo no ano de 2019, a tabela 1 apresenta esses dados segmentados por subsetor e por sexo. O turismo gerou 3.166.481 vínculos empregatícios, 1.546.951 ocupados por mulheres, cerca de 48,9%. A atividade com a maior quantidade de vínculos é a de alimentação,

que totalizou um pouco mais de dois milhões, o que representa cerca de 65,7% dos empregos do turismo. Em seguida é a de alojamento, com 14%, e em terceiro o de transporte terrestre, com 11,2%. Os outros três subsetores, juntos, representam menos de 10% dos vínculos. O que se observa é que o setor, como um todo, não é feminizado e que na verdade existe um equilíbrio no que diz respeito à mão de obra feminina ou masculina. No entanto, ao segmentar os dados por subsetores, percebe-se outra configuração do mercado de trabalho.

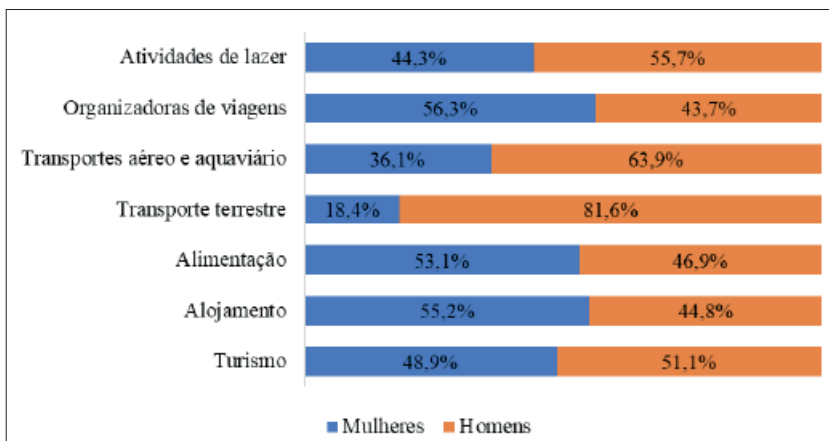
Tabela 1: Quantidade de vínculos empregatícios, por sexo, no turismo e em seus subsetores no Brasil em 2019

Subsetor	Vínculos ocupados por mulheres	Vínculos ocupados por homens	Total de vínculos	Participação no total de vínculos (%)
Alojamento	244.839	199.088	443.927	14,0
Alimentação	1.104.674	976.687	2.081.361	65,7
Organizadoras de viagens	56.593	43.919	100.512	3,2
Transporte terrestre	64.963	288.971	353.934	11,2
Transportes aéreo e aquaviário	29.986	53.107	83.093	2,6
Atividades de lazer	45.896	57.758	103.654	3,3
Total - Turismo	1.546.951	1.619.530	3.166.481	100,0

Fonte: Elaborado pelos autores

O turismo é composto por subsetores claramente divididos sexualmente. As mulheres predominam nos serviços de alojamento, de alimentação e nas organizadoras de viagens, correspondendo a, respectivamente, 55,2%, 53,1% e 56,3% dos vínculos (Figura 2), enquanto os homens predominam nos subsetores de transportes e nas atividades de lazer. A presença feminina nas atividades de alojamento corrobora com os estudos existentes sobre o mercado de trabalho do turismo e gênero. Em contrapartida, o percentual de homens nos subsetores de transportes é algo que se destaca, especialmente no terrestre, onde eles ocupam 81,6% dos vínculos e é a atividade com a maior diferença por sexo.

Figura 1: Proporção dos vínculos empregatícios, por sexo, no turismo e em seus subsetores no Brasil em 2019 (%)



Fonte: Elaborado pelos autores

A tabela 2 fornece informações sobre a escolaridade dos/as empregados/as no turismo. Os dados revelam que no setor o que predomina são as ocupações que exigem pouca escolaridade, independente de gênero. O nível de escolaridade em que há mais ocupados/as é no de médio completo, no qual encontram-se mais de 2 milhões do total de vínculos, ou seja, 63,7%. Na sequência aparecem os níveis de ensino fundamental completo e médio incompleto, cada um com pouco mais de 300 mil vínculos. Por sua vez,

vínculos cujos empregos demandam superior completo alcançam 180.203, o que corresponde a 5,7% do total, enquanto as pessoas com pós-graduação representam somente 0,1% dos vínculos.

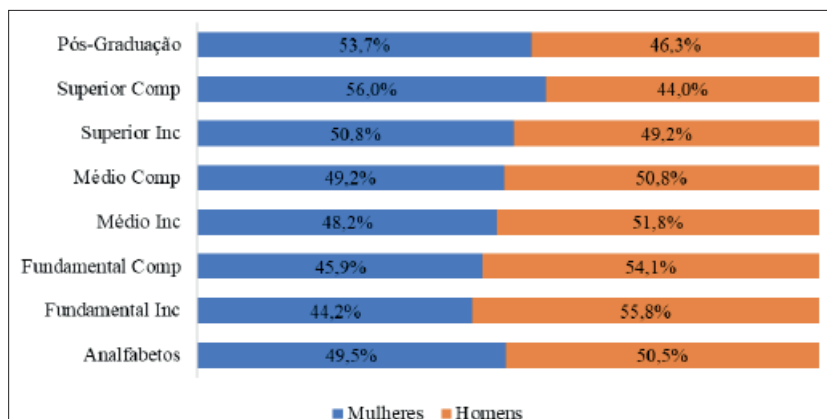
Tabela 2: Quantidade de vínculos empregatícios, por escolaridade e sexo, no setor do turismo no Brasil em 2019

Nível de escolaridade	Vínculos ocupados por mulheres	Vínculos ocupados por homens	Total de vínculos	Participação no total de vínculos (%)
Analfabetos	3.756	3.834	7.590	0,2
Fundamental Inc.	105.138	132.625	237.763	7,5
Fundamental Comp.	147.872	174.354	322.226	10,2
Médio Inc.	147.355	158.333	305.688	9,7
Médio Comp.	992.742	1.023.649	2.016.391	63,7
Superior Inc.	47.982	46.418	94.400	3,0
Superior Comp.	100.914	79.289	180.203	5,7
Pós-graduação	1.192	1.028	2.220	0,1
Total - Turismo	1.546.951	1.619.530	3.166.481	100,0

Fonte: Elaborado pelos autores

Mesmo que a pouca escolaridade não se restrinja a um sexo ou outro, a tabela 2 também revela que, ainda que as mulheres apareçam em menor quantidade na força de trabalho do setor, elas superam a presença dos homens nos maiores níveis de escolaridade. Se, por um lado, os vínculos masculinos são maiores do que os femininos nos cinco níveis mais baixos de escolaridade, a situação inverte nos maiores níveis, especialmente dentre os que têm ensino superior completo, cuja diferença, por sexo, é mais expressiva. Na figura 3, tem-se a distribuição percentual por sexo e escolaridade. Observa-se que a partir do ensino fundamental incompleto, conforme o nível aumenta, o percentual feminino também se eleva, de tal modo que, a diferença na proporção é maior justamente no superior completo, onde as mulheres representam 56% dos vínculos ante 44% dos homens.

Figura 2: Proporção dos vínculos empregatícios, por sexo e escolaridade, no setor do turismo no Brasil em 2019 (%)



Fonte: Elaborado pelos autores

A remuneração média no setor condiz com a baixa escolaridade das pessoas ocupadas, mas apresenta certas discrepâncias na distribuição por sexo, principalmente em relação à escolaridade. Se os/as trabalhadores/as estão concentrados/as principalmente nas ocupações que demandam ensino médio completo, nas faixas de renda, como demonstra a tabela 3, eles/as concentram-se nos ganhos de 1,01 a

3 SM, totalizando 2.502.621 de vínculos, cerca de 79% dos empregos. Na sequência, tem-se os ganhos de até 1 SM e de 3,01 a 5 SM. Nas demais faixas de renda, o percentual de vínculos corresponde a somente 2,5% dos empregos gerados no turismo, um total de 79.490, dos quais 35,9% são ocupados por mulheres.

Tabela 3: Quantidade de vínculos empregatícios, por renda e sexo, no setor do turismo no Brasil em 2019

Faixa de renda	Vínculos ocupados por mulheres	Vínculos ocupados por homens	Total de vínculos	Participação no total de vínculos (%)
Até 1 SM ¹	137.582	108.171	245.753	7,8
De 1,01 a 3 SM	1.255.987	1.246.634	2.502.621	79,0
De 3,01 a 5 SM	46.484	113.416	159.900	5,0
De 5,01 a 7 SM	15.632	21.942	37.574	1,2
De 7,01 a 10 SM	7.949	12.180	20.129	0,6
De 10,01 a 15 SM	3.269	7.161	10.430	0,3
De 15,01 a 20 SM	943	3.659	4.602	0,1
Mais de 20 SM	739	6.016	6.755	0,2
Sem classificação	78.366	100.351	178.717	5,6
Total - Turismo	1.546.951	1.619.530	3.166.481	100,0

Fonte: Elaborado pelos autores

Quanto à distribuição, por sexo, nas faixas de renda, constata-se o inverso do que ocorre na escolaridade. Se na figura 3, conforme os níveis de escolaridade se elevam as proporções feminina também aumentam, na remuneração elas abaixam. Se os dados explicitam que, no turismo, mesmo as pessoas com os maiores níveis de escolaridade não recebem remunerações muito elevadas, o ônus maior recai sobre as mulheres, pois, percentualmente a força de trabalho feminina só é maior do que a masculina dentre as pessoas que recebem até 1 SM, no qual elas correspondem a 56% dos vínculos (Figura 4). Dentre os que recebem de 1,01 a 3 SM a diferença é pequena, sendo que 49,8% são homens. Nas demais faixas de renda as mulheres sempre são minoria.

Figura 3: Proporção dos vínculos empregatícios, por sexo e faixa de renda, no setor do turismo no Brasil em 2019 (%)

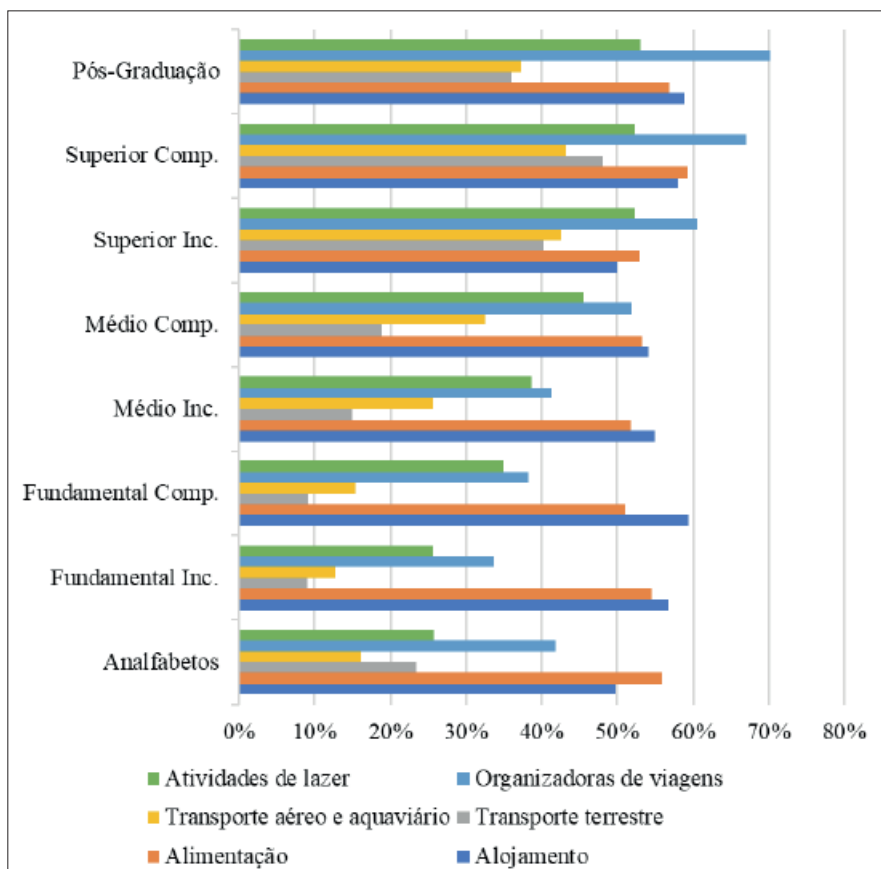


Fonte: Elaborado pelos autores

Além disso, cabe destacar dois fatores que chamam a atenção na figura 4: primeiro o predomínio masculino dentre as remunerações de 3,01 a 5 SM, onde eles representam 70,9% dos vínculos. Nessa faixa de renda há uma quantidade significativa de vínculos, portanto, essas proporções revelam que há subsectores e/ou ocupações que remuneram melhor no turismo, porém são masculinizados. O segundo fator é a queda gradual das mulheres nas maiores faixas de renda, onde elas constituem 39,5% dos vínculos dentre os que têm uma renda de 7,01 a 10 SM, passam a ser 31,3% e 20,5% nas faixas seguintes e, por fim, chegam a somente 10,9% dos que recebem mais de 20 SM.

Quanto à escolaridade e renda por subsectores, observa-se muitas semelhanças com o setor do turismo como um todo. Nos serviços em que há predomínio feminino, nota-se que as mulheres tendem a ser maioria, ou se equiparam aos homens, em todos os níveis de escolaridade, sendo que a exceção são as organizadoras de viagens, onde a proporção feminina é menor nos níveis entre analfabetos até o ensino médio incompleto (Figura 5). Nos dois subsectores de transportes, diante do expressivo predomínio masculino nos vínculos ocupados, o percentual feminino por escolaridade é menor em todos os níveis. Entretanto, destaca-se que a presença delas se eleva do ensino superior incompleto à pós-graduação, de tal modo que, a menor diferença percentual por sexo é no superior completo, onde as mulheres representam 48,1% dos vínculos no transporte terrestre e 43,1% nos aéreo e aquaviário. Além disso, observa-se que apenas nesses dois subsectores a proporção feminina não supera a masculina nos melhores níveis de escolaridade. Também chama a atenção que as organizadoras de viagens têm as diferenças por sexo mais expressivas no superior incompleto e completo e na pós-graduação.

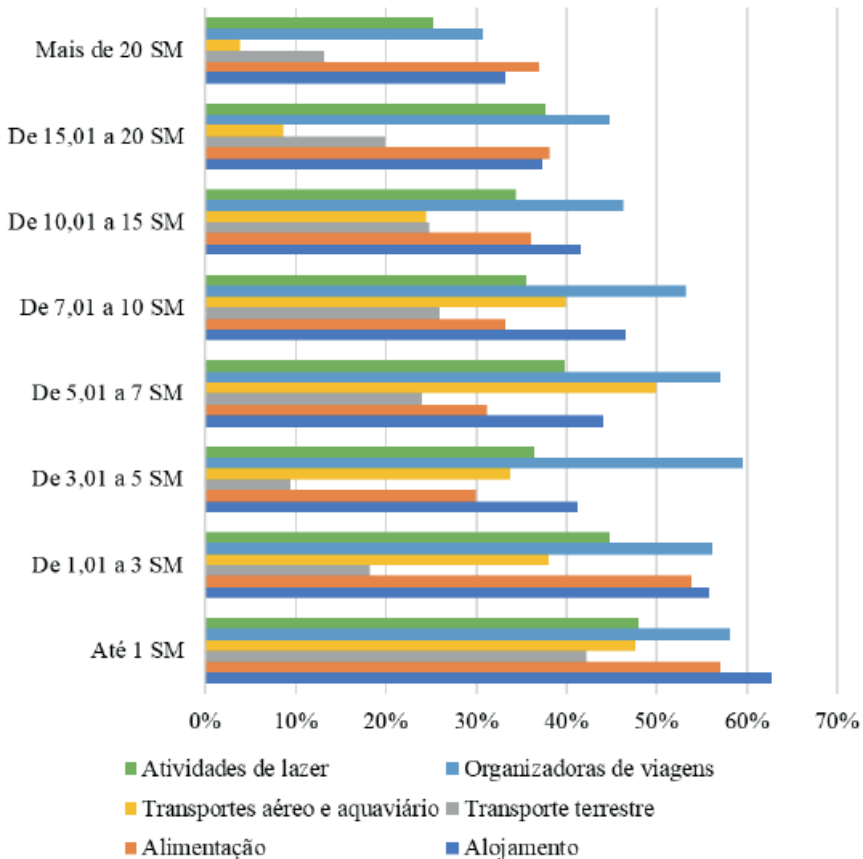
Figura 4: Proporção de vínculos ocupados por mulheres, por nível de escolaridade e subsectores, no Brasil em 2019 (%)



Fonte: Elaborado pelos autores

Em contrapartida, os dados sobre renda, por sexo, revelam o contrário. Nos serviços de alojamento e alimentação as mulheres predominam somente nos ganhos de até 1 SM e de 1,01 a 3 SM (Figura 6), o que demonstra que, apesar de elas serem maioria no total de vínculos desses dois subsetores, são os homens que ocupam os cargos com as melhores remunerações. As organizadoras de viagens é a atividade na qual os percentuais femininos são mais expressivos nas melhores faixas de renda, ainda que, a partir dos ganhos de 10,01 a 15 SM os homens as ultrapassem. Ademais, esse é o único subsetor em que a partir da renda de 3,01 a 5 SM as proporções masculinas não superam as femininas.

Figura 5: Proporção de vínculos ocupados por mulheres, por renda e subsetores, no Brasil em 2019 (%)



Fonte: Elaborado pelos autores

Na figura 6, se sobressai a proporção de mulheres na faixa de 5,01 a 7 SM dos transportes aéreo e aquaviário. Nela, há uma igualdade por sexo, o que indica que, apesar dos homens constituírem 63,9% do total de vínculos empregatícios gerados nesse subsetor, há uma ou mais ocupações feminizadas cuja melhor remuneração equipara as mulheres aos homens nessa faixa. Entretanto, a queda na proporção nas rendas a partir de 5,01 a 7 SM indicam que quaisquer que sejam essas ocupações, são poucas as mulheres que conseguem receber mais do que isso nesse subsetor.

4.2. Por ocupações

A divisão sexual do trabalho, socialmente construída, historicamente atribuiu às mulheres as tarefas domésticas. Diante disso, na esfera produtiva, muitas das atividades definidas como femininas são aquelas

que funcionam como uma extensão das desempenhadas no lar, portanto, de cuidado, limpeza, ensino e que demandam mais delicadeza, paciência e outras características também atribuídas às mulheres. E, no caso do turismo, estudos apontam que a feminização predomina em ocupações de camareiras, limpeza e atendimento ao público. A tabela 4 apresenta as cinco ocupações que mais empregam as mulheres em cada subsetor e os dados corroboram com o que essas pesquisas indicam.

Tabela 4: Ocupações com a maior quantidade de vínculos ocupados por mulheres em cada subsetor e proporção de cada uma sobre o total de mulheres empregadas no Brasil em 2019

Subsetor	CBO Ocupação	Vínculos ocupados por mulheres	Proporção de vínculos ocupados por mulheres no subsetor	Vínculos ocupados por homens
Alojamento	Camareiro de hotel	77.846	31,8	6.867
	Recepcionista de hotel	20.617	8,4	28.750
	Faxineiro	16.199	6,6	9.134
	Cozinheiro geral	15.541	6,3	9.523
	Recepcionista, em geral	11.657	4,8	14.016
	Total	141.860	57,9	68.290
Alimentação	Atendente de lanchonete	270.673	24,5	166.881
	Cozinheiro geral	190.342	17,2	112.292
	Auxiliar nos serviços de alimentação	167.114	15,1	100.579
	Operador de caixa	74.029	6,7	17.441
	Garçom	61.582	5,6	167.303
	Total	763.740	69,1	564.496
Transporte terrestre	Auxiliar de escritório, em geral	8.695	13,4	7.795
	Assistente administrativo	6.463	9,9	5.194
	Faxineiro	5.322	8,2	3.610
	Cobrador de transportes coletivos (exceto trem)	3.480	5,4	9.887
	Atendente de agência	1.920	3,0	334
	Total	25.880	39,9	26.820
Transportes aéreo e aquaviário	Comissário de voo	9.744	32,5	4.931
	Operador de atendimento aeroviário	6.251	20,8	5.907
	Assistente administrativo	1.502	5,0	1.365
	Operador de telemarketing ativo e receptivo	1.168	3,9	204
	Emissor de passagens	860	2,9	791
	Total	19.525	65,1	13.198
Organizadoras de viagens	Agente de viagem	12.133	21,4	5.316
	Assistente administrativo	4.505	8,0	2.281
	Auxiliar de escritório, em geral	4.018	7,1	2.344
	Emissor de passagens	3.778	6,7	3.220
	Operador de turismo	3.335	5,9	1.529
	Total	27.769	49,1	14.690
Atividades de lazer	Recreador	5.365	11,7	2.589
	Operador de caixa	3.862	8,4	766
	Recepcionista, em geral	3.227	7,0	1.643
	Faxineiro	3.111	6,8	2.639
	Auxiliar de escritório, em geral	2.726	5,9	1.784
	Total	18.291	39,8	9.421

Fonte: Elaborado pelos autores

Quanto ao subsetor de alojamento, com o que já foi apresentado sobre a divisão sexual do trabalho no turismo, não surpreende que a ocupação de camareiro de hotel seja a que mais empregue as mulheres (Tabela 4). Entretanto, os números chamam a atenção. Primeiro pelo fato de que, nessa ocupação, 77.846 dos 84.713 vínculos são ocupados por mulheres, ou seja, aproximadamente 92% dos empregos gerados para camareiro no ano de 2019 eram ocupados por elas. Na sequência aparecem as ocupações de recepcionista de hotel e em geral, faxineiro e cozinheiro geral. Do total de vínculos ocupados por mulheres nos serviços de alojamento, 57,9% concentram-se somente nessas cinco profissões, sendo que a de camareira corresponde a 31,8%, ou seja, essa concentração é uma cristalização da segmentação horizontal do mercado de trabalho.

Nos serviços de alojamento, destaca-se que nas ocupações de recepcionista de hotel a quantidade de vínculos ocupados por homens é maior. As profissões relacionadas ao atendimento e recepção tendem a ser feminizadas, como já foi apontado por Burrell *et al.* (1997) e Calvet *et al.* (2021), e nos demais subsetores os dados corroboram com esse fato, entretanto, os serviços de alojamento são uma exceção. Uma possível explicação para essa masculinização é que geralmente as atividades de alojamento demandam atendimento 24h nas recepções, no entanto, diante da responsabilidade pelo cuidado do lar, as mulheres tendem a buscar empregos em horário comercial, enquanto os homens têm mais flexibilidade para atender às demandas de disponibilidade de horário, inclusive para os trabalhos em período noturno. Esse aspecto converge com a já citada “flexibilidade relacionada à disponibilidade” como uma das qualidades demandadas do/a trabalhador/a ideal no turismo (Costa *et al.*, 2017).

Nos demais subsetores também se observa a expressividade das cinco ocupações para o total de vínculos ocupados pelas mulheres. Nos serviços de alimentação e nos transportes aéreo e aquaviário os percentuais são de, respectivamente, 69,1% e 65,1%, sendo ambos os subsetores onde, percentualmente, a segmentação horizontal se faz mais notável, enquanto nas atividades de lazer ocorre o contrário, o que pode ser explicado pela variedade de ocupações que compõe esse subsetor. Outra semelhança percebida entre os subsetores, e que resulta da segmentação horizontal, é a feminização das mesmas ocupações ou de características semelhantes. Essas são sempre associadas ao atendimento, ao doméstico, ao contato e ao cuidado com as pessoas e às tarefas administrativas. Isso se repete mesmo em serviços nos quais as possibilidades de atuação são mais amplas, como no caso dos transportes, composto por diferentes profissões, mas cujas ocupações feminizadas se limitam às características supracitadas, como a de comissário de voo, de telemarketing e de atendimento de agências.

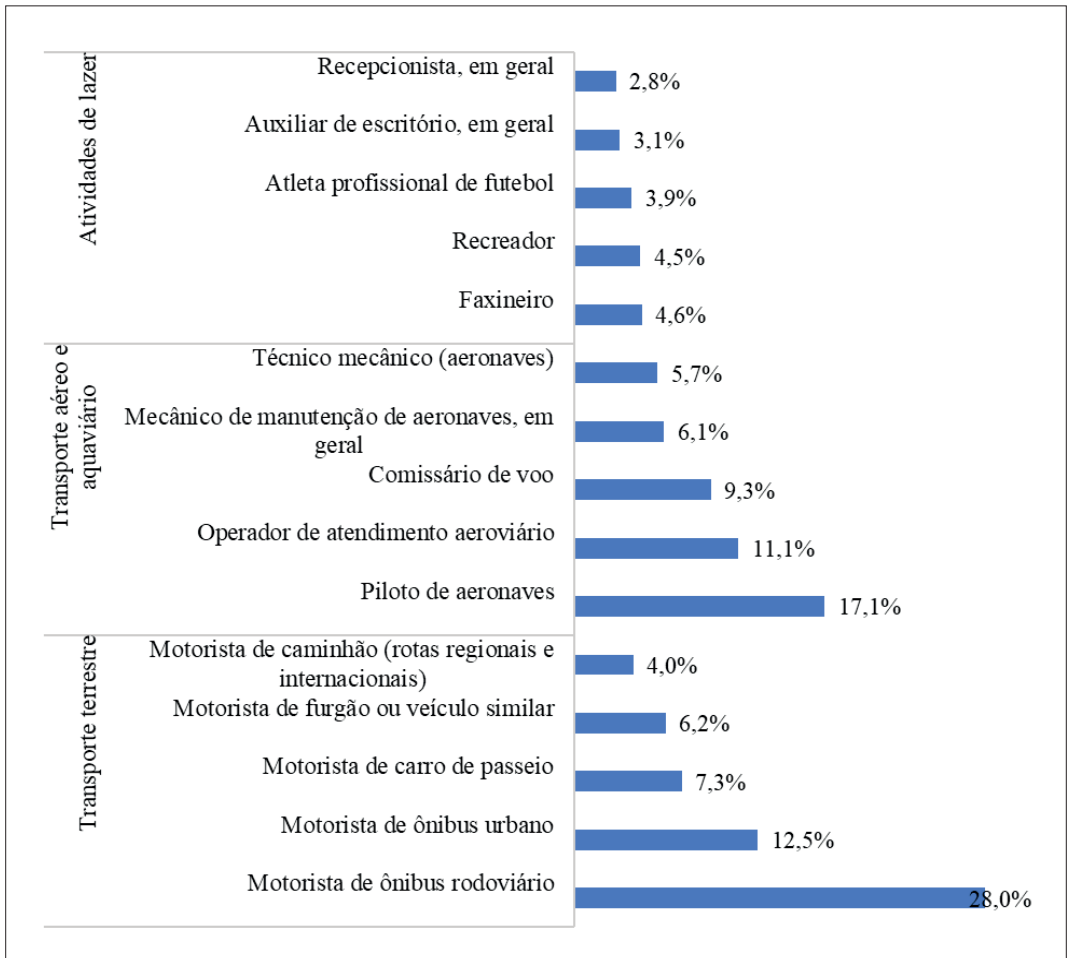
A respeito das ocupações masculinizadas, chama a atenção a quantidade de garçons, onde a diferença no total de vínculos ocupados pelos homens, em comparação com as mulheres, é de mais de cem mil (Tabela 4). Em contrapartida, na ocupação de atendente de lanchonete, cujas funções, estabelecidas pela CBO, condizem com o que é popularmente chamado de garçonete, predominam os vínculos ocupados pelas mulheres. Apoiados em uma fala de um responsável pelo Sindicato dos Trabalhadores, que afirmou em estudo de Fontoura e Piccinini (2016) que tradicionalmente “a garçonete é muito usada nas lanchonetes, nos restaurantes pequenos, nos restaurantes grandes são os homens, nas churrascarias são os homens que atendem, poucas mulheres a gente vê, raramente uma ou duas quando se vai nas churrascarias” (p.10), os autores afirmam que essa diferença se dá devido ao *status* que o estabelecimento possui, onde a divisão sexual do trabalho estabelece o que é trabalho de mulher e o que é de homem forma tão “natural”, que a divisão também é construída no imaginário, criando uma associação entre o lugar da garçonete e o lugar do garçom ao mesmo tempo que atribui um *status* diferentes a essas profissões somente pelo gênero.

A figura 7 permite uma comparação entre as ocupações que mais empregam os homens nos subsetores masculinizados e os dados da tabela 4. Também há concentração de vínculos masculinos em determinadas profissões, como a de motorista no transporte terrestre, onde varia somente o tipo de veículo conduzido. Entretanto, diferente do que ocorre com as mulheres, há mais profissões que absorvem a força de trabalho masculina enquanto a presença feminina concentra-se sempre nas mesmas, havendo pouca variação nas ocupações que aparecem de um subsetor para o outro na tabela 4.

Os dados segmentados por ocupações cristalizam a divisão sexual do trabalho. No que tange ao princípio da separação (Hirata & Kergoat, 2003), ao analisar a distribuição, por sexo, nas ocupações, entende-se porque alguns subsetores são feminizados e outros masculinizados. Cada um é composto por atividades claramente estabelecidas por gênero, separadas entre o que é trabalho de mulher e o que é de homem de acordo com características associadas à feminilidade, à masculinidade e com a responsabilidade exigida. A masculinização da ocupação de piloto de aeronaves e a feminização de comissário de voo, por exemplo, reforçam o fato de que aos homens são atribuídos os cargos que demandam mais responsabilidades. Ainda que as duas funções apresentem semelhanças, como as viagens, o trabalho por escala, a disponibilidade de horário, a falta de rotina e a flexibilidade para trabalhar aos finais de

semana e feriados, elas se distinguem quando de um lado uma está associada ao poder, à coragem, à competência, à racionalidade e é glamourizada, ante outra que demanda amabilidade, presteza, polidez, paciência e cuidado com a aparência (Pansera, 2014).

Figura 6: Ocupações com a maior quantidade de vínculos ocupados pelos homens nos subsetores em que eles predominam e a proporção delas sobre o total de vínculos masculinos - Brasil 2019



Fonte: Elaborado pelos autores

Às mulheres são atribuídas as ocupações administrativas, de camareira, de atendente e de recepcionista. Profissões nas quais é possível conciliar as esferas produtiva e reprodutiva, ao mesmo tempo em que muitas vezes ambas se misturam no mercado de trabalho do turismo, em trabalhos remunerados cujas funções mantêm estreita relação com o realizado no lar. A concentração de mulheres nos mesmos cargos é a cristalização da segmentação horizontal, onde são poucas as profissões que absorvem essa força de trabalho, pois a presença feminina na esfera produtiva é limitada às ocupações associadas à feminilidade, seja às características ou pelas funções sociais atribuídas às mulheres.

Aos homens são atribuídas as ocupações de motorista, mecânico, garçom, pilotos, onde exige-se força, racionalidade e mais responsabilidade. Mesmo quando profissões menos valorizadas são masculinizadas,

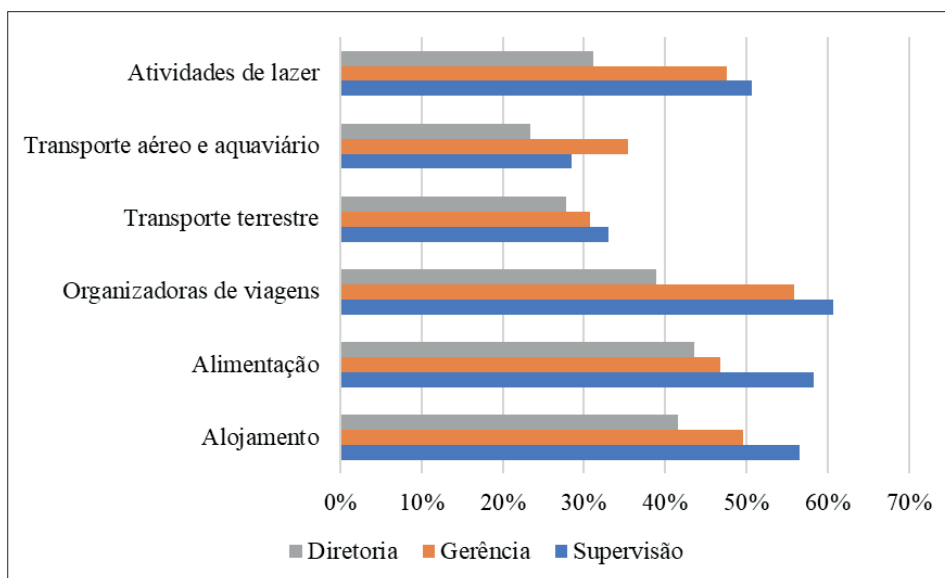
elas o são por exigirem habilidades ou conhecimentos associados à masculinidade e que por si só são socialmente valorizadas, como é o caso dos motoristas em que o ato de dirigir “é um sinal de status, um símbolo de poder e sexualidade e como, culturalmente, os homens realizam atividades que exercem poder sobre as mulheres, a atividade de motorista de ônibus se insere em um “universo” construído por e para os homens” (Vellozo, 2010, p.16).

O que se observa na feminização de determinadas ocupações do setor do turismo é que ela está centrada em profissões que apenas servem como um complemento à renda familiar, mas não oferecem oportunidades de crescimento profissional. Teberga e Herédia (2009) afirmam que o acesso à ocupação de camareira, por exemplo, se dá através da realização de cursos profissionalizantes básicos de até 200 horas/aulas, sem a necessidade de experiência profissional e com exigência de escolaridade mínima de ensino fundamental incompleto. Isso significa maiores possibilidades de inserção no mercado de trabalho para mulheres que tenham pouca escolaridade e que precisam buscar meios de complementar a renda familiar, mas também significa que um contingente expressivo dos empregos femininos gerados nos serviços de alojamento oferece pouca ou nenhuma possibilidade de mobilidade profissional, de baixas remunerações e são ocupações em que suas empregadas provavelmente passem toda ou quase toda a vida desempenhando. E aqui, o que se observa é a segmentação vertical, a ascensão profissional das mulheres é limitada pelas poucas ocupações que absorvem essa força de trabalho e que possibilitam mobilidade na carreira.

4.3. Nos cargos de chefia

No que concerne aos cargos mais elevados da hierarquia ocupacional, a figura 8 apresenta dados sobre a proporção de vínculos ocupados por mulheres nas profissões de supervisão, gerência e diretoria. Quanto à supervisão, elas são maioria justamente nos subsetores que mais as emprega, ocupando 60,7% dos vínculos das organizadoras de viagens, 58,3% no de alimentação e 56,6% no de alojamento, ou seja, são percentuais que condizem com a feminização observada no nível operacional dessas atividades. Quanto aos demais subsetores, a presença feminina supera a masculina nas atividades de lazer, com 50,7% e os serviços de transportes têm a maior diferença percentual por sexo, com as mulheres ocupando, respectivamente, 30% e 28,5% dos vínculos no terrestre e nos aéreo e aquaviário.

Figura 7: Proporção de vínculos ocupados por mulheres, por subsetor do turismo, em cargos de chefia no Brasil em 2019 (%)



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados da RAIS

Na gerência observa-se uma queda na proporção de mulheres e elas seguem predominando somente nas organizadoras de viagens, apesar de passarem de 60,7% para 55,9%, e se equiparam aos homens nos serviços de alojamento. Curiosamente, dos seis subsetores, a maior queda no percentual de mulheres é dentre os três feminizados, sendo que no de alojamento elas passam de 56,6% como supervisoras para 49,6% como gerentes e no de alimentação passam de 58,3% para 46,8%. Em contrapartida, ainda que se mantenham como minoria nos transportes aéreo e aquaviário, representando somente 35,5% dos vínculos de gerência, há um aumento de cerca de 7% de mulheres com relação aos cargos de supervisão, sendo o único subsetor em que isso ocorre.

Com relação à diretoria, a proporção de mulheres é menor em todos os subsetores. Nas organizadoras de viagens, único em que a presença feminina predominou na gerência, há uma queda expressiva dentre as diretoras, totalizando apenas 38,9% de vínculos. Nas atividades de lazer isso também é expressivo, dado que, na gerência a proporção de vínculos ocupados por homens era de 52,4% e na diretoria esse percentual aumenta para 68,8%. Nos transportes a proporção de vínculos de diretoras também diminui, representando 27,8% no terrestre e 23,4% nos aéreo e aquaviário.

A queda na proporção de mulheres conforme os níveis hierárquicos se elevam é a cristalização da segmentação vertical. A feminização, do ponto de vista quantitativo, de determinados subsetores do turismo se limitam ao nível operacional, pois, nos cargos de chefia já é possível observar o fenômeno do teto de vidro, a barreira invisível que restringe a participação da mulher no mercado de trabalho, mas que se materializa diante dos dados e que pode ser explicada por diferentes razões, dentre as quais, como pontua Mota *et al.* (2014), a preferência das empresas por contratarem homens, ainda que a produtividade deles seja idêntica à das mulheres; discriminação de gênero, que estigmatiza as mulheres como menos capazes, seja por fatores sociais ou psicológicos; e ainda a responsabilidade feminina pela esfera reprodutiva, o que converge com a pesquisa de Costa *et al.* (2017), na qual uma das “qualidades” da trabalhadora ideal seria não ter filhos.

5. Considerações finais

Este artigo buscou compreender a participação das mulheres no mercado de trabalho do turismo desde uma perspectiva das relações de gênero. Os dados da RAIS analisados a partir das ciências sociais corroboram com a afirmação de que somente o predomínio quantitativo de mulheres não correspondem a mudanças nas hierarquias de gênero e de poder. Assim, constata-se, primeiro, que o mercado de trabalho formal do turismo não pode ser considerado feminizado, não em análises que abrangem todos os serviços que o compõem, pois, a clara diferenciação das funções por gênero impossibilita que haja predomínio das mulheres em determinadas ocupações e subsetores.

Se o setor não é feminizado no que diz respeito à quantidade, menos o é nas estruturas das relações de trabalho. Determinados subsetores são capazes de empregar mais mulheres, mas também são capazes de se apropriar dessa força de trabalho para baratear os custos empregando-as em atividades que são uma extensão das realizadas no lar, que são desvalorizadas econômica e socialmente, em ocupações que demandam qualidades tidas como femininas e mesmo que exijam qualificações para serem desempenhadas, a paciência, a boa aparência, a resistência à rotina, a habilidade para o atender, servir, cuidar e outras qualidades atribuídas às mulheres se combinam para delinear a trabalhadora ideal para o turismo.

Os dados corroboram com a afirmação de Hirata (2009) de que existe a ideia de que os homens possuem qualificações, enquanto as mulheres possuem qualidades, ou seja, habilidades que são inerentes a elas, consideradas naturais, pois não foram adquiridas através da formação profissional. A partir dessa ideia, o setor cristaliza a divisão sexual do trabalho, genericando subsetores e funções de tal modo que, com raras exceções, a separação, a valorização e a hierarquização estão claramente ancoradas no que é socialmente estabelecido como trabalho de mulher e de homem.

Nesse sentido, a análise por ocupações em cada subsetor descortina as razões pelas quais uns são feminizados e outros masculinizados. Os homens ocupam 81,6% dos vínculos de transporte terrestre justamente pela quantidade de empregos gerados para motoristas, o mesmo ocorre nos aéreo e aquaviário, com ocupações de piloto e mecânico. Em contrapartida, as profissões de camareira, assistente, auxiliar, agente de viagens e atendente, que predominam nos serviços de alojamento, alimentação e organizadoras, que demandam qualidades atribuídas às mulheres, explica as razões pelas quais elas correspondem a, respectivamente, 55,2%, 53,1% e 56,3% dos vínculos empregatícios nesses subsetores.

O mesmo ocorre nos cargos de chefia, onde a proporção de mulheres diminui conforme o nível hierárquico desses se eleva. A valorização dos trabalhos atribuídos aos homens, a responsabilidade e

dedicação exigidas, somadas à concentração de mulheres em ocupações que possibilitam pouca ou nenhuma mobilidade na carreira e às obrigações dessas na esfera doméstica, são aspectos que se entrecruzam para explicar a queda na proporção feminina da supervisão à diretoria. Assim, a participação das mulheres no mercado de trabalho formal do turismo é limitada horizontal e verticalmente.

Enquanto uma atividade composta por diversos setores, o mercado de trabalho do turismo mostra-se ideal para estudos de gênero. Esta pesquisa se deteve sobre o trabalho formal, entretanto, o setor é responsável por gerar muitos empregos temporários e informais, o que torna necessário uma análise de gênero sobre esse aspecto. Ademais, esta pesquisa revela a importância de compreender a participação das mulheres em todos os subsetores da atividade e utilizando metodologias que se proponham a ir além da quantificação da presença feminina no mercado de trabalho para não incorrer no erro de afirmar que todo o setor é feminizado quando os dados da RAIS revelam que isso não é uma realidade.

Com esta pesquisa busca-se contribuir para ampliar os estudos de gênero no turismo brasileiro, especialmente no que concerne ao mercado de trabalho, um campo do conhecimento profícuo e amplamente analisado pelas ciências sociais, mas que é escasso quando se trata do turismo. De uma perspectiva prática, espera-se chamar a atenção para as desigualdades de gênero existentes em empresas e instituições, dado que a declaração à RAIS é de responsabilidade dessas e o compilado das informações demonstram a necessidade de ações visando a igualdade salarial, o auxílio às mulheres no cuidado com os filhos e principalmente agir sobre a segmentação horizontal e vertical que limita a participação e presença feminina.

Referências

- Alarcón, D. M., & Cañada, E. 2018. Dimensiones de género en el trabajo turístico [Editorial]. *Alba Sud Editorial*, (4), 1-36.
- Antunes, R. L. C. 2009. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo, SP: Boitempo.
- Araújo, C. M. O. 2000. *Marxismo, feminismo e o enfoque de gênero*. São Paulo, SP: Boitempo.
- Bruschini, M. C. A. 2007. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. *Cadernos de Pesquisa*, 37(132), 537-572. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742007000300003>.
- Burrell, J., Manfredi S., Rollin, H., Price L., & Stead, L. 1997. Equal opportunities for women employees in the hospitality industry: a comparison between France, Italy, Spain and the UK. *International Journal of*, 16, 161-179. [https://doi.org/10.1016/S0278-4319\(97\)00003-0](https://doi.org/10.1016/S0278-4319(97)00003-0).
- Calvet, N. A., Conde, C. I., Ballart, A. L., & Almela, M. S. 2021. Desigualdades de género en el mercado laboral turístico. *Alba Sud Editorial*, (14), 1-44.
- Campos-Soria, J. A., Marchante-Mera, A., & Roper-Garcia, M. A. 2011. Patterns of occupational segregation by gender in the hospitality industry. *International Journal of Hospitality Management*, 30, 91-102. <https://doi.org/10.1016/j.ijhm.2010.07.001>.
- Carvalho, I., Costa, C., Lykke, N., & Torres, A. 2014. An Analysis of Gendered Employment in the Portuguese Tourism Sector. *Journal of Human Resources in Hospitality & Tourism*, 13, 405-429. <https://doi.org/10.1080/15332845.2014.888509>.
- Costa, C., Bakas, F., Zelia, B., Durão, M., Carvalho, I., & Caçador, S. 2017. Gender, flexibility and the 'ideal tourism worker'. *Annals of Tourism Research*, 64, 64-75. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2017.03.002>.
- Federici, S. 2017. Notas sobre gênero em "O Capital" de Marx. *Cadernos CEMARX*, (10), 83-111. <https://doi.org/10.20396/cemarx.v0i10.10922>.
- Fontoura, D. S., & Piccinini, V. 2016. A Casa e o Hotel: o reprodutivo e o produtivo na configuração do mercado de trabalho no setor hoteleiro brasileiro e português. In: *IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais* (p. 17). Porto Alegre, RS.
- Guimarães, C. R. F. F., & Silva, J. R. 2015. Diferenças de salários, por gênero, no setor de turismo do Brasil. *Revista Turismo e Desenvolvimento*, (23), 143-154. <https://doi.org/10.34624/rtd.v0i23.11057>.
- Hirata, H. 2009. A Precarização e a Divisão Internacional e Sexual do Trabalho. *Sociologias*, (21), 24-41. <https://doi.org/10.1590/S1517-45222009000100003>.
- Hirata, H., & Kergoat, D. 2003. A divisão sexual do trabalho revisitada. In: Maruani, M. & Hirata, H. (Orgs.). *As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho*. (pp. 111-123) São Paulo, SP: Editora Senac.
- Kergoat, D. 2003. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: Teixeira, M., Marli, E., Nobre, M., & Godinho, T. (Orgs.). *Trabalho e Cidadania ativa para as Mulheres: Desafios para as Políticas Públicas* (pp. 55-64) São Paulo, SP: Coordenadoria Especial da Mulher. Recuperado de <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05634.pdf>.

- Minasi, S., Mayer, V., & Santos, G. E. O. 2022. Desigualdade de gênero no turismo: a mulher no ambiente profissional no Brasil. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, (16). <https://doi.org/10.7784/rbtur.v16.2494>.
- Ministério do Trabalho. 2021. *Classificação Brasileira de Ocupações*. <http://www.mteco.gov.br/cbsite/pages/home.jsf>.
- Ministério do Trabalho e da Previdência Social. 2021. *Microdados RAIS e CAGED*. <http://pdet.mte.gov.br/microdados-rais-e-caged>.
- Ministério do Turismo. 2008. *Lista ACT - Estrutura OMT*. http://www.dadosfatos.turismo.gov.br/images/pdf/Metodos_classificacoes/Lista_Atividades_caracteristicas_turismo_ACT_CNAE_2_0_subclasses_RIET_2008.xlsx.
- Mota, C., Tanure, B., & Carvalho Neto, A. 2015. Mulheres executivas brasileiras: o teto de vidro em questão. *Revista Administração Em Diálogo*, 16(3). <https://doi.org/10.20946/rad.v16i3.13791>.
- Pansera, G. C. 2014. *Senhores passageiros, aqui quem fala é a comandante...: Os desafios das mulheres pilotos na aviação brasileira*. (Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Santa Catarina. Recuperado de <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/130036>.
- Piscitelli, A. 2006. Gênero, turismo, desigualdades. In: *Turismo social: uma viagem de inclusão*. (pp. 205-245). Rio de Janeiro, RJ: Instituto Brasileiro de Administração Municipal, IBAM. Recuperado de http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=82191.
- Silva, G B. L., Rezende, P. & Machado, V. 2018. Discutindo gênero e cozinha: a divisão sexual do trabalho em uma cozinha profissional na cidade de Salvador/Ba. *Revista Ártemis*, 26(1), 283-302. <https://doi.org/10.22478/ufpb.1807-8214.2018v26n1.37656>.
- Souza-Lobo, E. 2001. *A classe operária tem dois sexos: Trabalho, dominação e resistência*. São Paulo, SP: Editora Expressão Popular.
- Teberga, A. & Herédia, V. B. M. 2019. Qualificação profissional de camareiras de hotéis e a crítica que Paulo Freire não escreveu. *Revista de Turismo Contemporâneo*, 7(1), 141-162. <https://doi.org/10.21680/2357-8211.2019v7n1ID16783>.
- Toledo, C. 2003. *Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide*. São Paulo, SP: Instituto José Luís e Rosa Sundermann,
- Vellozo, D. P. M. 2010. *Mulheres ao volante: uma análise de gênero, saúde e trabalho em mulheres motoristas de ônibus na cidade do Rio de Janeiro*. (Dissertação de mestrado, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro). Recuperado de <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/16116>.
- Yannoulas, S. C. 2013. Sobre o que nós, mulheres, fazemos. In: S. C. Yannoulas, (Org.) *Trabalhadoras: Análise da feminização das profissões e ocupações*. (pp. 207-223). Brasília: DF: Abaré Editorial.

Notas

- ¹ O salário mínimo (SM) em 2019 foi de R\$ 998,00

Recibido: 13/10/2022
Reenviado: 05/04/2023
Aceptado: 29/04/2023
Sometido a evaluación por pares anónimos